

## Prefácio do livro “Descobrimo o impensado: A religiosidade do ateu Freud”, de José Calderoni

Ari Rehfeld

Todo olhar, toda leitura, necessita de uma lente. Uma abordagem para ser rigorosa deve explicitar e fundamentar seu viés ou perspectiva, bem como seu método. Uma obra é rica quando repleta de possibilidades e passível de várias leituras ou interpretações através de uma gama de significados e sentidos. Assim é o conjunto da obra de Freud. Sua abrangência impressiona. Sempre ao reler algum trecho, percebemos uma possibilidade nova, às vezes de modo inesperado, de adentrarmos na imensidão da intimidade humana. A inesgotabilidade de uma obra a ela dedicada, como é o caso da de Freud, é o pressuposto maior da abordagem assumida nesse livro.

Em seu livro Calderoni nos convida a penetrar na obra de Freud a partir de uma dupla via: de um lado parte de sua própria experiência, vivenciada no interior de uma psicoterapia, na qual se vê em meio à tensão entre uma espécie de *religião* – propagada por uma figura que se apresenta à imagem de um ser espiritualmente elevado, seu terapeuta –, e sua compreensão, ainda não tematicamente desenvolvida, de uma *religiosidade* que se concretizaria em uma conduta ética dificilmente compatível com a primeira. De outro lado o autor busca uma metodologia adequada para pensar essa diferença vivida, e ainda não “metabolizada”, uma compreensão que dê conta dessa tensão entre os modos de presença do aspecto religioso e seus modos de aprisionamento em formas instituídas. Calderoni encontra esta possibilidade de uma tematização sistemática da religiosidade na obra do filósofo Walter I. Rehfeld.

Rehfeld, filósofo que se debruçou sobre a concepção de religiosidade e suas experiências de manifestação nas mais diversas formas de pensamento, incluindo aqui aquelas que, a princípio, nada tinham a dizer sobre fenômenos religiosos, como também aquelas que explicitamente se denominavam atéias e a eles se opunham, fornece ao autor a idéia central da “ocorrência de estruturas de consciência religiosa” na filosofia. Essas estruturas - “perdição”, “redenção” e “terceira realidade” –, embora não tematicamente presentes no horizonte dos diversos filósofos, parecem organizar o “movimento essencial contido no pensamento de

todas as religiões e extensivo ao processo de o homem pensar toda a realidade” (p.84). Toda forma de reflexão, todo pensar a existência vem acompanhado da polaridade sujeito-objeto ou eu - mundo, produto inexorável da consciência humana e que condena o homem a um isolamento existencial. Essa condição cindida é apreendida como constituindo a estrutura de consciência da perdição, cuja redenção, segunda estrutura fundamental, é aquela que se caracteriza pela inquieta e ininterrupta busca à qual o homem está destinado e que se expressa em seu afã por uma unificação da dicotomia entre a subjetividade e a objetividade: “A ansiosa procura de uma ordem que possa assegurar-lhe a participação de um todo significativo constitui o derradeiro motivo de toda religiosidade e de todo o filosofar”<sup>1</sup>. Essa totalidade existencial, na qual o homem transcende a cisão, tão consolidada e reafirmada por aquilo a que se chama de senso comum e, não por acaso, tão combatida pelos filósofos, Rehfeld denomina de terceira realidade.

A universalidade dessas estruturas, garantida por uma análise de caráter fenomenológico, permite a Calderoni buscar essa mesma ocorrência na obra de Freud, ganhando assim uma perspectiva crítica e mais ampla na qual a religiosidade é tematizada, não tanto enquanto um objeto sobre o qual Freud se debruçou, mas como pano de fundo de toda investigação freudiana da religião. Nesse sentido, a busca por “algo de religioso na forma de Freud pensar” (p.10), propicia ao autor o resgate de uma “religiosidade latente” na obra do psicanalista, aquela que ele pressentira em sua experiência própria, ressaltando assim esse aspecto muitas vezes negligenciado nos leitores de Freud, assim como por ele próprio: “Freud procurou desmistificar a religião constituída, não tendo dirigido esforços no sentido de verificar a existência ou não de uma essência religiosa no ser humano” (p. 33), escreve Calderoni.

Essa nova ótica amplia o próprio sentido dos fenômenos psicopatológicos para uma dimensão da religiosidade. Vista a partir dessas estruturas de consciência, a dinâmica psíquica do neurótico pode ser pensada à luz da concepção da perdição, na qual o estranhamento e a restrição da liberdade podem ser superados através de um movimento de transcendência em relação ao aprisionamento promovido pelo isolamento existencial derivado da cristalização daquela dicotomia originária. Dessa forma, também a terapêutica pode ser pensada a partir da idéia de redenção e todo o método psicanalítico, seus instrumentos e técnicas, podem ser

---

<sup>1</sup> Rehfeld, W. I, *Introdução*; Livro do Estudo e da Oração – Coleção Judaica, Editora Perspectiva, 1968, p. 11.

concebidos como meios de se alcançar aquele estado criativo, condição de toda liberdade que o filósofo da religião denomina de terceira realidade.

É na “fusão de horizontes”, a saber, aquela que conjuga sua experiência inicial numa instituição psicoterápica com a leitura de Freud e a reflexão a partir de Rehfeld, que o autor reconhece, como exigência de sua investigação, o suporte necessário de uma filosofia hermenêutica para dar conta desse encontro de perspectivas. Na linhagem de Heidegger e Gadamer, o autor encontra a possibilidade de tematizar sua condição de intérprete, reconhecendo como fundamental para sua leitura o horizonte particular do qual partiu. Não se trata, portanto, de uma leitura estrutural da obra de Freud que visasse alcançar uma objetividade ideal, a intenção transparente de seu autor, mas antes de uma “violentação” consciente do texto em busca de uma explicitação daquilo que em muito ultrapassa a superfície do mesmo, condição *sine qua non* de uma leitura singular. Nesse sentido a leitura de Calderoni está em sintonia com aquela proposta por P. Ricoeur, segundo a qual “os limites da psicanálise deverão finalmente ser concebidos, menos como uma fronteira fora da qual há outros pontos de vista rivais ou aliados, do que como a linha imaginária de uma frente de pesquisa que incessantemente recua, ao passo que os outros pontos de vista passam do exterior para o interior”<sup>2</sup>.

Assumindo o tema abordado como própria forma de pensar, poderíamos dizer que o autor se opõe a uma *leitura dogmática, como de seita religiosa*, do pai da psicanálise, reivindicada tácita ou explicitamente por todas as formas de “extremismo acadêmico”, a fim de ampliar suas perspectivas e possibilidades de leitura.

Em suma, podemos através desse livro, reencontrarmo-nos com uma religiosidade não restrita à prática das religiões formais, descobrir como Freud desenvolve sua própria religiosidade através de sua obra, pensar uma dinâmica psíquica e sua terapêutica a partir de um outro paradigma, além de sermos levados inexoravelmente a uma reflexão acerca da religiosidade, da hermenêutica e da psicanálise.

À obra então.

---

<sup>2</sup> Ricoeur, P. *Da Interpretação. Ensaio sobre Freud*, Ed.Imago, 1977, p. 60.